

Relato de experiência - Grupo de Pintura

Atuei no CAPS II, integrando a equipe responsável por um grupo de pintura. Sou enfermeira e Residente em Saúde Mental (R2), e uma das nossas competências era criar atividades que engajem os usuários desse serviço. Nosso grupo, composto por cerca de 15 pessoas, em sua maioria mulheres, que participavam com regularidade, era um espaço de trocas silenciosas e significativas.

Durante esses encontros, a convivência me permitiu tecer laços profundos com os participantes. A partir dessas conexões, extraíam-se preciosas pistas para o cuidado e o tratamento individualizado. Embora o grupo fosse coletivo, as singularidades de cada um afloravam. Eu podia perceber, quase como um pressentimento, quem enfrentaria uma crise em breve. Escutava suas dores, mesmo quando seus lábios se calavam.

Às vezes, me afastava um pouco, observando-os à distância. Daquele ângulo, via com nitidez quem ditava o ritmo, quem estava aborrecido, quem ansiava por falar, e quem desejava simplesmente desaparecer do ambiente. As manhãs, carregadas de significados, eram ricas em detalhes invisíveis a olho nu.

Esses momentos de proximidade não só facilitavam o manejo clínico, como também revelavam a maneira com que cada um enfrentava a vida lá fora — muito além dos remédios e das consultas.